



AS VOZES DO RÁDIO TÊM ROSTOS: O programa Gaúcha Hoje e os processos de produção das transmissões ao vivo no Facebook

Patricia Vieira de Souza¹
Francisco de Paula Rocha Amorim²

Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter

Resumo: O presente estudo propõe-se a analisar o impacto da transmissão ao vivo no Facebook nos processos de produção do programa Gaúcha Hoje, da Rádio Gaúcha. As principais referências abordam os conceitos de ubiquidade, memória, instantaneidade e interatividade. Para compor a análise, foi realizada observação direta durante cinco dias inspirada na metodologia Newsmaking, durante a pré-produção, a produção e a transmissão do programa em dois momentos: antes e depois dele ser transmitido ao vivo via Facebook. Foram observados aspectos diferenciados na postura profissional dos jornalistas em função dessa transmissão, tais como a necessidade de ampliar a equipe do programa, a mudança do comportamento dos apresentadores frente às câmeras e a presença de imagens junto aos relatos ao vivo dos repórteres que estão fora do estúdio.

Palavras-chave: Streaming; Transmissão ao vivo; Facebook; Radiojornalismo; Webjornalismo;

1. Introdução

O rádio é um grande companheiro para muitas pessoas. Entre as emissoras do Rio Grande do Sul, destaca-se a Rádio Gaúcha, que desde 1927 transmite sua programação para os gaúchos. A emissora integra o Grupo RBS do Estado do Rio Grande do Sul, uma das principais empresas de comunicação e jornalismo regional. O objeto de estudo desse trabalho, o programa Gaúcha Hoje da Rádio Gaúcha, fez e faz

¹ Acadêmica em Jornalismo do Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter.
E-mail: souza.patriciavieira@gmail.com

² Doutor em Sociologia e professor do Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter. É o orientador deste trabalho. E-mail: francisco.amorim@uniritter.edu.br

parte da vida dessa pesquisadora, sendo a principal fonte de informação. Assim, este trabalho propõe uma análise dos processos de produção do Programa Gaúcha Hoje, da Rádio Gaúcha e quais as alterações decorrentes das transmissões ao vivo no Facebook.

A necessidade da pesquisa sobre a instantaneidade das mídias sociais em relação à construção de notícias traz a importância do rádio na divulgação de fatos com a ferramenta a ser estudada, em seus usos aliados ao radiojornalismo. Em buscas feitas em portais de pesquisas acadêmicas, o da CAPES³, CNPq⁴ e de outras bibliotecas universitárias percebe-se uma lacuna sobre a ferramenta transmissão ao vivo que o Facebook oferece, fazendo-se importante a discussão desse tipo de serviço com relação a essas novas práticas adotadas pelo rádio. Justamente por haver pouca discussão sobre o assunto no meio acadêmico, a transformação evidencia a importância de um aprofundamento da pesquisa acadêmica sobre o radiojornalismo no Facebook.

2. Webjornalismo

O processo de digitalização dos produtos de consumo das mídias tradicionais trouxe mais praticidade e instantaneidade aos produtores de conteúdo. Segundo Jenkins (2009, p. 378), digitalização é o “processo pelo qual imagens, sons e informações são transformados em bytes de informação que podem fluir pelas plataformas de mídia e serem facilmente reconfigurados em diferentes contextos”. No caso do Jornalismo, isso possibilitou não só um aumento de qualidade estética dos produtos, como também, a redução do tamanho e do custo de meios técnicos como câmeras, microfones e etc. Antes, as redações necessitavam de pelo menos uma pessoa para cada ação feita – captação, gravação, operação de áudio, entre outros. Inclusive a decisão final sobre quais notícias seriam publicadas exigia um profissional específico. Segundo Pena (2013), a noticiabilidade é negociada e os critérios de notícia variam:

O repórter negocia com o editor, que negocia com o diretor de redação, e assim por diante. E os próprios critérios estão inseridos na rotina jornalística,

³ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal – CAPES. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/historia-e-missao>>. Acesso em 08 de junho de 2018.

⁴ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Disponível em: <http://cnpq.br/apresentacao_institucional/>. Acesso em: 08 de junho de 2018.

ou melhor, tornam possível essa rotina, pois são contextualizados no processo produtivo, em que adquirem significado, desempenham função e tornam-se elementos dados como certos, o conhecido senso comum da redação. (PENA, 2013, p. 73-74).

Dessa maneira, o processo de fazer notícia nos meios tradicionais possui menos agilidade e imediatismo, pois as decisões relativas ao conteúdo passam por diversas pessoas. Atualmente, as redações usuais utilizam dos mesmos critérios, porém, elas passaram a ser menores, com menos recursos humanos e mais aplicativos, computadores e outros meios facilitadores para construir a notícia. O webjornalismo atravessa barreiras com o surgimento de novos modelos de disseminação de notícias. Surgem jornais online, conteúdos digitais produzidos por emissoras de televisão e rádios que se reinventam com o uso de imagens para as mídias sociais, as quais reúnem todas essas propostas nos seus sistemas. Essa mudança desperta necessidade de formação técnica do jornalista sem prejudicar a execução de sua atividade intelectual.

Jornalistas precisam estar informados e formados, pois, enquanto colhem notícias, têm de exercer uma atividade intelectual que exige conhecimento, discernimento, reflexão, bom senso e outras habilidades bem diferentes de apertar botões e repetir, infinitas vezes, as mesmas operações. (BARBEIRO e LIMA 2013, p. 54).

A interatividade ganha força nesse ambiente. Jenkins (2009) afirma que a interatividade é o resultado de uma nova tecnologia de mídia para responder aos estímulos do usuário. As possibilidades de experiências trazidas por esses meios de comunicação, como por exemplo, sites de redes sociais, também abrem espaços para a combinação de usuários em grupos de interesses comuns e produtores de conhecimento coletivo abarcado pelas interações e suporte para novas discussões. A internet trouxe a capacidade de seguir produtores de conteúdo que mais agradam aos gostos de cada usuário. As mídias tradicionais – rádio, televisão e impresso – migraram para novos formatos de interação, pois permitem a participação ativa do usuário e busca por qualificar os serviços de acordo com os interesses do mesmo.

Os primeiros modelos de interatividade conhecidos tanto no jornalismo hardnews diário, quanto nos programas informativos de softnews ou até mesmo de entretenimento, trazem os primeiros contatos por cartas enviadas pelo correio em espaços específicos nos programas. Após, vieram o e-mail e o serviço de mensagem de

texto. Mais recentemente, o WhatsApp se tornou grande aliado, seguido dos comentários no Facebook ou Twitter oficiais do programa ou veículo escolhido pelo usuário. Segundo Rost (2014, p. 58), “por meio dessas opções interativas, o leitor procura dialogar, discutir, confrontar, apoiar e, de uma forma ou de outra, em tabular uma relação com outros”.

Pensando na instantaneidade, no jornalismo impresso, na televisão e no rádio, ser imediatista era noticiar um acontecimento em primeira mão. Na era digital, o webjornalismo traz consigo uma enorme necessidade do instantâneo.

Enquanto o valor da “objetividade” continua a provocar imensa polêmica (mas não a noção do profissional equidistante em relação aos diversos agentes sociais), o valor do imediatismo reina incontestável, ainda mais com a emergência do cibermedia. (TRAQUINA, 2013, p. 35).

Embora esse novo ambiente digital possa favorecer a exploração de novos formatos e facilite os custos de produção, o webjornalismo trouxe também a necessidade de um deadline constante, visto que a busca pelo furo de reportagem ficou ainda mais presente após a instantaneidade trazida pelas mídias sociais. Ao ampliar ao digital, a pressa abre margem para possíveis erros de informações e violações éticas, que podem aumentar as reações negativas por parte dos usuários.

Ainda que de costume, as linhas tênues entre fazer bem feito e apurar um fato rigorosamente e o ritmo de vencimento das informações e a necessidade de novas notícias, fazem com que a instantaneidade se torne uma imposição para as novas mídias. No caso do webjornalismo, a tendência é haver preferência por noticiar agora e não noticiar melhor (MORETZSOHN, 2002, p. 128), até porque, com a reordenação do usuário, ele mesmo participa a fim de tencionar o meio jornalístico a atualização constante daquilo que já foi publicado.

Querer saber o que se passa ao seu redor se torna uma necessidade tão importante quanto comer e dormir. Nessa perspectiva, a busca pela Ubiquidade se torna algo constante.

Tentamos ter o dom da ubiquidade através da alteridade, pois a ilusão da onipresença é construída pelas informações produzidas pelo outro. Já que não podemos estar em vários lugares ao mesmo tempo, queremos, pelo menos, acreditar que sabemos o que acontece nos mais longínquos rincões do

universo, e, para isso, mandamos correspondentes, relatores ou alguma tecnologia que possa substituir o relato do homem. (PENA, 2013, p. 22-23).

E isso não é exclusividade do jornalismo ou do webjornalismo. O campo da mídia como um todo também se altera nesse processo, através do diferente, do que foge à regra e do que está longe, fazendo com que o consumo diário dessa informação torne o usuário mais próximo da realidade de quem o acompanha. Atualmente, um dos efeitos mais claros desse processo é o aumento da utilização do Jornalismo Cidadão nas mídias sociais e nos veículos noticiosos. Segundo Pavlik (2014, p. 167), “Cidadãos equipados com smartphones se tornarão, no século XXI, repórteres continuamente engajados, capturando com seus telemóveis fotografias e vídeos de notícias que acabam de acontecer.” Assim, no universo da ubiquidade dos meios digitais, os papéis desempenhados pelo jornalista, pela fonte e pelo usuário se tornam mais próximos e menos divididos.

As mídias digitais também possuem espaços online para o compartilhamento e, por consequência, o armazenamento de material digital – fotos, vídeos, áudios e textos – , o webjornalismo traz consigo uma diversidade de formatos. A memória é restaurada através de dispositivos ligados aos novos movimentos dos veículos de comunicação, fazendo com que seu acesso seja feito de forma rápida.

Além do incremento do uso da memória como ferramenta narrativa pelos produtores de informação jornalística, um processo de empowerment está ocorrendo no que diz respeito à construção de contextos para as notícias por parte do próprio usuário através da memória arquivada e os conteúdos das bases de dados à sua disposição. (PALACIOS, 2014, p. 96.).

A facilidade de produzir arquivo na internet possibilita uma preservação da memória muito diferente do rádio e da televisão, onde essa preservação depende de equipamento e profissionais específicos. Aliado ao contexto em que o webjornalismo se insere, o jornalista divide o papel de compartilhar notícias básicas com os próprios usuários das mídias sociais e abrindo assim, a possibilidade dele atuar na construção de reportagens com formatos novos e experimentações, como por exemplo, “formas narrativas diferenciadas, com distintos modos de incorporação de memória (background, contexto, contraposição etc.), em seus diferentes formatos (áudio, vídeo,

fotos, textos, fac-similes etc)” (PALACIOS, 2014, p. 97). É o caso de reportagens em estilo Snowfall⁵.

3. Radiojornalismo

O conceito de rádio sofreu diversas alterações no decorrer do tempo. Com a chegada da televisão no Brasil, essas mudanças foram significativamente interessantes para modificar, mais uma vez, o status da produção radiofônica em relação à televisão. McLuhan (2012, p. 335) afirma que a chegada de um novo meio de comunicação alteraria a função de entretenimento do rádio para se tornar um ambiente de informação.

Um dos muitos efeitos da televisão sobre o rádio foi o de transformá-lo de um meio de entretenimento numa espécie de sistema nervoso da informação. Notícias, hora certa, informações sobre o tráfego e, acima de tudo, informações sobre o tempo agora servem para enfatizar o poder nativo do rádio de envolver as pessoas umas com as outras. (MCLUHAN, 2012, p. 335).

Mais recentemente, a tecnologia trouxe uma gama de novas funções para serem exploradas. Segundo Ferraretto, (2014, p. 15) “o conceito de rádio evoluiu de uma ideia associada à tecnologia para outra baseada na linguagem.”. Agora, o termo rádio está ligado a várias outras funções tecnológicas, como por exemplo, o aplicativo para smartphone, as próprias televisões a cabo ou satélite, em portais da internet, rádios online, entre outras fontes dos programas com linguagem radiofônica.

A instrumentalização do caráter noticioso da programação de uma rádio do segmento jornalístico subdivide-se em vários estilos de programas, como por exemplo, a síntese noticiosa, o radiojornal, a edição extra, o toque informativo e o informativo especializado. (FERRARETTO, 2014, p. 72-73)

A interatividade no radiojornalismo é muito mais comum que em outras redes tradicionais de comunicação. Dependente da limitação proporcionada por uma tecnologia utilizada no contato, a interatividade no rádio é um grande exemplo de como o conceito era aplicado antes da internet, uma vez que, embora não delegue poder de

⁵ O estilo de reportagem Snowfall ficou conhecido após uma narrativa apresentada na revista The New York Times Magazine. Disponível em:
<<https://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/faz-caber/noticia/2015/05/o-desafio-de-ser-multimidia.html>>. Acesso em 24 de abril de 2018.

escolha ao ouvinte, valoriza sua participação nos programas. De acordo com Rost (2014, p. 60).

É o meio menos interativo e impossibilidades de seleção já que as suas mensagens se apresentam de forma linear e sequencial. Não permite retroceder, nem avançar, nem procurar uma notícia: simplesmente há que esperar que as coisas aconteçam. Em troca, é o que tradicionalmente teve maior abertura à interatividade comunicativa: em nenhum outro meio tradicional a opinião das audiências teve a presença que lhe deu a rádio através, por exemplo, de uma simples chamada telefônica.

Com o passar do tempo as tecnologias se tornaram de fácil acesso ao âncora ou apresentador com mais agilidade, para que este mesmo possa fazer o filtro, de acordo com a necessidade do programa radiofônico. A participação do ouvinte ainda agrega na produção de novos quadros e formatos na programação do rádio. Em 2017 foi lançado um aplicativo para smartphones chamado Pelas Ruas⁶, um formato de plataforma participativa e inclusiva do Grupo RBS especialmente criado para os consumidores, que trazem seus relatos sobre os problemas urbanos da cidade de Porto Alegre.

O rádio como definição carrega o instantâneo dentro dos seus conceitos primordiais. Uma linguagem mais objetiva também trabalha para que a notícia seja dada de forma compacta, em poucas frases, até porque o ouvinte não tem a possibilidade de retornar para ouvir de novo aquilo que ficou para trás para, então, compreender a mensagem como um todo.

Moretzsohn (2002, p. 143) constata que “Rádio e TV sempre trabalharam orientados pela busca da instantaneidade, ditada pela competição entre veículos”, fazendo com que o furo de reportagem ainda seja considerado uma necessidade estética entre os veículos de comunicação.

Mcluhan (2012, p. 340-345) considera os meios de comunicação como extensões do homem, sendo o rádio uma extensão do seu sistema nervoso central, visto que é nele que se busca as informações de clima, trânsito e serviços. Diferente da televisão, o rádio traz jornalismo agregado às necessidades individuais de cada um de seus ouvintes, os quais utilizam essa mídia em diversos contextos. O radiojornalismo

⁶ Aplicativo gerenciado pelo Grupo RBS. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2017/03/conheca-o-app-pelas-ruasferramenta-para-quem-quer-uma-cidade-melhor-9754495.html>> . Acesso em 30 de abril de 2018.

sempre esteve de certa forma, assumindo o papel da ubiquidade em outros tempos, só que em formato de mobilidade. Com o tempo, o radiojornalismo adaptou-se conforme o tempo e as tecnologias foram chegando, fazendo com que suas características também mudassem e agregassem outras.

Os repórteres fazem com que a ubiquidade se faça presente no rádio. Em uma programação extensa como a de um veículo de comunicação que priorize o jornalismo diário e factual como sua maior forma de interação necessita dispor de uma grande equipe de repórteres que sejam os “olhos” do seu ouvinte e também do apresentador. Segundo Ferraretto (2014, p. 151):

A qualidade dos repórteres de uma emissora de rádio condiciona boa parte do valor noticiário produzido. Sem eles, a rigor, não há jornalismo, em especial porque, nesse caso, inexistem qualquer tipo de investigação informativa, e a emissora fica dependente de outras empresas de comunicação (agências, jornais, emissoras de TV, portais da internet, redes sociais e mesmo estações concorrentes de radiodifusão sonora).

Diferentemente da televisão, onde o aparato do fazer notícia ao vivo é muito maior e mais complexo, o rádio se diferencia e favorece esse tipo de cobertura. Basta enviar um repórter equipado com um celular. Segundo Lopez (2010, p. 1), “a internet potencializa estas características essenciais do rádio, apropria-se delas e as transpõe ao resto dos meios que utilizam este suporte, ampliando a concorrência a limites até agora desconhecidos”. Entretanto, o rádio ainda segue sendo um dos meios de comunicação com maior público quando se trata de notícias.

Considerando a memória no Rádio, a sua preservação está mais ativada através do subconsciente do ouvinte, fazendo com que a memória seja ativada no momento em que se busca uma nova referência ao atual, retraindo a uma notícia, um fato curioso ou até mesmo histórico com essa mídia ou sua vivência. Segundo Bianchi (2010, p. 12), “é o desenvolvimento da história de vida radiofônica de cada um desses indivíduos, e que tem o seu valor também como história midiática, pois é vivenciada pelos ouvintes, está inscrita em suas memórias, é parte de toda uma experiência vivida com o midiático.”

Assim, os ouvintes são mais importantes na construção da memória midiática do rádio. Essa característica se deve principalmente do rádio como companheiro cotidiano da sua audiência.

Trata-se de sua caracterização como uma espécie de companheiro do ouvinte, algo que está mais próximo do dia a dia e quebra a solidão, seja nas metrópoles, seja nas zonas rurais mais afastadas dos centros urbanos. E, gradativamente, com a transformação dos locutores em comunicadores e 37 com simulacro de conversa próprio destes últimos, esse meio passou a falar com o ouvinte. (FERRARETTO, 2014, p. 26).

Com o aperfeiçoamento da tecnologia, os veículos de comunicação de radiojornalismo encontraram mais espaço também na internet, fazendo com que os sites das rádios tivessem áudios e espaços para a transmissão ao vivo, sem a necessidade do aparelho que transmite, mas fazendo via streaming. Com isso, além dos ouvintes locais, a emissora passaria a receber ouvintes de novas cidades, Estados e até mesmo de outros países. Além disso, a internet favorece a criação de uma espécie de banco de dados das emissoras tradicionais, fazendo com que a memória ligada a áudios e momentos importantes seja preservada – com direito a replay.

4. Aspectos Metodológicos

A realização da análise proposta nesse trabalho ocorreu por meio de pesquisa qualitativa como uma metodologia inspirada em Newsmaking, abordando aspectos de produção de pré, durante e pós a entrada do programa Gaúcha Hoje no ar, além da organização da equipe de jornalistas que a emissora dispõe para colocar o programa no ar. Segundo Wolf (2009, p. 186),

os dados são recolhidos pelo investigador presente no ambiente que é objecto de estudo, quer pela observação sistemática de tudo que ali acontece, quer através de conversas, mais ou menos informais e ocasionais, ou verdadeiras entrevistas com as pessoas que põem em prática os processos produtivos. Os critérios específicos que presidem à recolha e à estruturação do material observativo que foi sendo acumulado podem ser diversos, o que importa é que a fase de observação, isto é, da presença do investigador no local, esteja sempre ligada a hipóteses de pesquisa, seja orientada segundo pressupostos teóricos precisos e não indiferenciada e casual.

Entre segunda e sexta-feira, o programa é transmitido com imagens ao vivo no Facebook, durante uma hora. Em específico, delimita-se a investigar essas características no momento em que o programa está sendo transmitido apenas no rádio e quando está no ar também no Facebook, com atenção especial para diferenças na

postura profissional. Durante os dias 17, 18, 19, 20 e 23⁷ de abril de 2018 foi realizada a técnica de observação direta. O período de observação iniciava junto com a produção do programa, a partir das 4h da madrugada, uma hora antes do programa ir ao ar. No período de coleta foram utilizadas as técnicas de entrevista com a produtora, um dos apresentadores, um dos repórteres e a pessoa responsável pela operação técnica da transmissão ao vivo no Facebook.

Foram feitas anotações e fotos do cotidiano dos jornalistas que trabalham no Gaúcha Hoje. As edições utilizadas para a técnica de coleta de dados que estiveram disponíveis no Facebook também foram consultadas. Os profissionais citados nessa pesquisa assinaram Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, permitindo a utilização dos dados coletados em seu ambiente de trabalho nessa monografia.

5. Análise e Discussão de dados

O início da observação foi feito a partir do horário pré-estabelecido para chegar à redação da Rádio Gaúcha e acompanhar desde o início da chegada da produtora, Mariana Ceccon, às 4h da madrugada, em todos os dias de análise. Além do estúdio, o programa também é feito em uma sala de produção, localizada logo atrás da mesa de áudio do estúdio. A rotina diária da produtora em todos os dias de acompanhamento consistiu em analisar os principais portais de notícia para a organização do primeiro quadro do programa que entra quase junto com o programa no ar. Nesse momento ela ouviu os boletins já gravados pelos repórteres que entraram no ar. Além disso, fez contato com a jornalista responsável pelas rondas da madrugada da rádio.

Antônio Carlos Macedo, o âncora do programa, chegou mais ou menos às 4h30 em todos os dias de análise. Novas organizações e rotinas se estabeleceram a partir desse horário. Durante todos os dias, Macedo preparou alguns quadros do programa, como por exemplo, o “Expresso de Notícias”, síntese noticiosa em que os factuais são reportados em frases curtas, em forma de jogral, executado entre ele e o co-apresentador, Jocimar Farina. O programa não tem roteiro. Todos os dias os quadros

⁷ Por problemas de saúde, o início da análise quebrou o ordenamento das datas de observação, fazendo com que não fosse feito durante uma semana ininterrupta.

fixos do programa são enviados via e-mail para todos os repórteres da redação, apresentadores, produtores e repórteres que estão na rua com informações para manter a organização. Um grupo de WhatsApp complementa a comunicação da equipe.

Durante todos os dias de observação, a jornalista Carolina Sanches, que é uma das responsáveis pelos lives do Facebook da Rádio Gaúcha e responsável pela 48 transmissão do Gaúcha Hoje e de outros programas a partir dessa faixa de horário, chegou um pouco antes das 7h. Conforme entrevista informal com a jornalista, o estúdio passou por alterações estruturais para centralizar as imagens transmitidas via mídia digital, como por exemplo, a troca da iluminação do estúdio. A partir da chegada de Carolina, o “cenário” do estúdio é organizado para a participação visual do programa: as televisões que servem de conteúdo para a transmissão foram ligadas para auxiliar no retorno dos apresentadores. É importante destacar que antes do programa passar a veicular o live no Facebook, não existia essa pessoa específica, bem como as melhorias na organização do estúdio, logo, o uso dessas transmissões acarretou na necessidade de uma pessoa a mais na equipe do programa.

O programa foi transmitido na maneira tradicional – pela rádio – e também pelo Facebook em quase todos os dias a partir das 7h, somente no dia 18 a transmissão iniciou antes desse horário. O programa que Carolina utilizou no computador para a transmissão via Facebook é o Wirecast, aplicativo que simula uma mesa de switcher para concentrar o envio de imagens pela página oficial de GaúchaZH. A entrada ao vivo dos repórteres via transmissão ao vivo no Facebook foi possível através do Skype, programa que é interligado com o equipamento de áudio que já está conectado na mesa de áudio e também no software utilizado para transmitir as imagens.

Durante a observação, o software utilizado para a transmissão ao vivo no Facebook apresentou problemas de funcionamento quase no final do programa, no primeiro dia de observação, 17. No segundo dia de observação, 18, a ferramenta interrompeu a transmissão e foi necessário reiniciar toda a operação novamente. Também nesse dia, Macedo chegou a chamar o repórter Felipe Daroit, que não estava pronto para ser chamado. Na oportunidade e experiência com esse tipo de problema, ele chamou o outro repórter, Eduardo Paganella. A imagem estava com baixa qualidade e pouca nitidez, o que fez com que Carolina demorasse um pouco mais para colocar a

imagem ao vivo do repórter. Até o momento em que a imagem se estabilizou, foi utilizada a foto do repórter que está falando no momento da transmissão. No dia 20 o acompanhamento foi feito a partir da sala da redação, onde os repórteres entravam ao vivo. Pouco tempo antes da primeira dessas entradas, os jornalistas repararam que esse celular estava sem bateria. Após várias tentativas frustradas de pensar em como colocar as imagens no ar, o estagiário teve a ideia de utilizar um celular pessoal para fazer a transmissão. Cheguei a ouvir dele que o pessoal da redação não tem o cuidado de manter o aparelho sempre carregando, o que poderia tornar esse tipo de problema mais comum do que se pensava.

Uma observação que fugiu totalmente dos padrões analisados durante a semana chamou atenção por se tratar da utilização de imagens para o anúncio de uma reportagem⁸ do portal de GaúchaZH, fazendo com que a situação trouxesse uma sistemática diferente. No dia 20, quase no final da transmissão ao vivo no Facebook, Jocimar anunciou uma reportagem especial feita com seu colega, o jornalista Fernando Zanuzo. Essa reportagem possui destaque semanal em GaúchaZH. Quem está acompanhando o programa pela live do Facebook pode assistir ao teaser feito pelos jornalistas e quem está acompanhando via rádio pode apenas ouvir o áudio do teaser, que não possui caráter descritivo de rádio. Jocimar também comenta que ele e Fernando participam do número circense da personagem do vídeo, informação de bastidor que não está no texto e no vídeo de GaúchaZH. Macedo comentou que um vídeo foi transmitido naquele momento, fazendo com que a curiosidade de quem os vê e ouve possa ir até o site de GaúchaZH para conferir mais informações sobre a reportagem especial, momento em que o rádio traz imagens e também tenta transferir a audiência para outra mídia. Ao mesmo tempo, o ouvinte tradicional que escuta via rádio é convidado a conhecer a transmissão ao vivo no Facebook.

Seguindo a lógica de Barbeiro e Lima (2013, p. 50), a web é indispensável para o trabalho do jornalista, por conta da imensa quantidade de informações que possui. Podemos perceber que uma das características marcantes do programa Gaúcha Hoje é o de acordar junto com o seu ouvinte, fazendo com que a interatividade com os seus

⁸ Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2018/04/ela-e-acrobatamalabarista-e-contorcionista-conheca-dominique-martins-cjg7adl2j01p501qln5dafzy2.html>>. Acesso em: 12 de maio de 2018.

ouvintes se torne aliada para a busca de conhecimento das informações que podem ser desconhecidas até mesmo para as fontes oficiais. No caso do Gaúcha Hoje, as redes sociais e a internet facilitam ainda mais a proximidade entre o grupo de trabalho e entre seus ouvintes, além de existir conteúdo para as mais diversas plataformas existentes nesse meio, o que mostrou a necessidade da própria equipe e também dos demais jornalistas a se adaptarem a nova realidade digital da emissora.

Mesmo com a utilização de outros meios de interação como o WhatsApp, cabe destacar que na transmissão ao vivo do programa Gaúcha Hoje no Facebook é operada por uma pessoa específica para esse fim. Apesar de não haver interatividade direta diariamente com os comentários das transmissões ao vivo, a existência dessa pessoa, que possui autonomia, é necessária para comentar, replicar e transmitir as informações dos comentários, bem como repassar para outros setores para obter a veracidade ou não dos fatos relatados por ouvintes.

Em um dos dias de observação, 20, foi notado o método multiplataforma do programa Gaúcha Hoje com o portal de notícia GaúchaZH. Nesse momento foi apresentada aos ouvintes-espectadores uma reportagem do quadro Saltimbancos, momento em que foi compreendida por meio de áudio, texto e imagem. Jocimar Farina revelou no Gaúcha Hoje informações de bastidores da matéria, que não estão no portal de notícias. Para quem acompanhava pelo Facebook, o teaser já trazia imagens, fazendo com que o espectador criasse uma curiosidade de ver o que teria na reportagem completa. Esse é um dos momentos em que o programa apresenta uma narrativa que pode ser considerada transmídia. Segundo Jenkins (2009, p. 384) essa narrativa é definida como “histórias que se desenrolam em múltiplas plataformas de mídia, cada uma delas contribuindo de forma distinta para nossa compreensão do universo”.

Com relação à memória, na transmissão ao vivo existe um método de armazenamento dessas transmissões em um portal de rede social, – nesse caso, o Facebook –, para que a audiência pudesse reviver o que havia assistido quantas vezes quiser e for necessário. Porém cabe destacar que isso constitui uma espécie de terceirização do arquivo audiovisual gerado pelas transmissões ao vivo do Facebook, e que deve ter a sua disponibilidade pública dependente das regras estabelecidas pela empresa proprietária dessa mídia social.

Segundo Bianchi (2010, p. 12), o ouvinte é um construtor da memória do rádio, fazendo com que a oportunidade momentânea do ouvir seja perpetuada através das lembranças. A transmissão ao vivo no Facebook toma conta de uma grande parcela desses ouvintes que se transformam em espectadores, fazendo com que a voz de Macedo também ganhasse um rosto e expressões peculiares, que são observadas todos os dias, através dos comentários da live. Com a mudança de comportamento do apresentador em frente às câmeras, seus gestos e trejeitos reforçam as características dele na memória da sua audiência.

6. Considerações Finais

O rádio utiliza das tecnologias para sustentar sua linguagem, sua técnica e manter sua audiência. Assim, ele continua sendo um veículo de massa com fortes aspectos de interatividade, instantaneidade, ubiquidade e memória. No caso da Rádio Gaúcha, há predominância no caráter noticioso e interpretativo, alguns programas, como o Gaúcha Hoje. As transmissões ao vivo no Facebook reforçam as características mais básicas do radiojornalismo. Ainda a ubiquidade colide com os outros conceitos como, por exemplo, a instantaneidade e a interatividade. A instantaneidade complementa o produtor de notícias a ser rápido para disseminar a informação ao vivo e no ato do acontecimento; já a interatividade auxilia para denominar os acontecimentos para então haver a ubiquidade plena, sobretudo quando há a possibilidade da imagem.

Durante a observação das rotinas de produção do programa a grande influência das imagens e desse novo método de transmissão, pode-se perceber a presença de um novo agente híbrido entre os consumidores de mídia, denominado nesse trabalho como ouvinte-espectador. O termo ouvinte-espectador foi idealizado a partir de um conceito de que a audiência diretamente atingida pela transmissão ao vivo do Facebook não se enquadra como ouvinte tradicional de rádio, porque recebe as informações também através de imagens. Porém também não se enquadra como espectador tradicional, pois esse formato não pretende se transformar em televisão e muito menos informar exclusivamente por imagens.

Durante as observações foram constatadas algumas falhas, como por exemplo, um telefone celular que era usado para conectar com os repórteres da redação sem bateria, uma imagem que foi cortada e não foi ao ar porque o software de transmissão corrompeu e a pessoa responsável pelo live não percebeu, entre outros. Cabe ressaltar que o equipamento utilizado para novo formato ainda não é o suficiente para abranger todas as tarefas acumuladas pela jornalista que opera a transmissão ao vivo. Seria necessário um computador com mais atributos, como por exemplo, melhor capacidade de processamento e desempenho. Também caberia avaliar a necessidade ou não de qualificação das câmeras utilizadas para as transmissões. Mesmo assim, o programa Gaúcha Hoje se diferencia dos demais usos das transmissões ao vivo no Facebook a serviço do rádio, pois outras emissoras locais limitam-se a apenas uma câmera no estúdio. As transmissões estão gerando uma espécie de arquivo digital terceirizado que está diretamente relacionado às condições impostas pelas empresas donas do Facebook e do Youtube – onde o programa também é transmitido. A Rádio Gaúcha precisaria estabelecer métodos para tornar esse arquivo permanente e não apenas contar com o repositório digital atual como definitivo.

A característica transmídia poderia ser mais explorada, pois, complementaria a proposta da união dos portais de notícias de Rádio Gaúcha e Zero Hora, transformada em GaúchaZH, para a ampliação de conhecimento digital para os usuários. Seria interessante compor novas narrativas jornalísticas em formato de quadros, que possam potencializar o uso de cada mídia, criando detalhes específicos para serem ampliados no rádio, na transmissão ao vivo e no site, como foi proposto na apresentação do quadro Saltimbancos.

Assim como a ubiquidade, a memória, a instantaneidade e a interatividade fazem parte do cotidiano da web e radiojornalismo, a união desses fatores enquanto conceitos são fundamentais para seguir com os estudos voltados à transmissão ao vivo no Facebook. O mercado busca cada vez mais profissionais que saibam utilizar esses recursos multimídias e pesquisadores para explorar esse tema podem ser um bom caminho para suprir essa necessidade. Projetos bem estruturados como o do programa radiofônico Gaúcha Hoje são objetos que servem a essa exploração.

Referências

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Jornalismo para Rádio, TV e Novas Mídias**. Rio de Janeiro. Elsevier Editora Ltda. 2013.

BIANCHI, Graziela Soares. **Memória radiofônica** – a trajetória da escuta passada e presente de ouvintes idosos. In: FERRARETO, Luis Artur; KLÖCKNER, Luciano. **E o rádio? Novos horizontes midiáticos**. Porto Alegre. 2010. Editora Edipucrs. P. 11-27.
FERRARETO, Luis Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo. Editora Summus. 2014.

HAUSSEN, Dóris Fagundes. **O jornalismo no rádio atual: o ouvinte interfere?** In:

FERRARETO, Luis Artur; KLÖCKNER, Luciano. **E o rádio? Novos horizontes midiáticos**. Porto Alegre. 2010. Editora Edipucrs. P. 157-170.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2 ed. Editora Aleph. São Paulo. 2009.

KLÖCKNER, Luciano. Um modelo que abre caminhos. In: OLEGÁRIO, Leandro. **Radiojornalismo e síntese noticiosa**. Porto Alegre. 2016. Editora Metamorfose. P. 2-4.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. LabCom Books. 2010. Disponível em:
<http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110415-debora_lopez_radiojornalismo.pdf>
Acesso em: 08 de abril de 2018.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. 18. Ed. São Paulo. Editora Cultrix. 2012.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real: O fetiche da velocidade**. Primeira edição. Rio de Janeiro. Editora Revan LTDA. 2002. 192 p.

OLEGÁRIO, Leandro. **Radiojornalismo e síntese noticiosa**. Porto Alegre. 2016. Editora Metamorfose.

PALACIOS, Marcos. Memória: Jornalismo, memória e história na era digital. In: CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. P. 89-110. LabCom Books. 2014. <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf> Acesso em: 26/03/2018

PAVLIK, John V. Ubiquidade: O 7º princípio do jornalismo na era digital. In: CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. P. 159-184. LabCom Books. 2014. <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf> Acesso em: 26/03/2018

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. 3. Ed. 1ª reimpressão. São Paulo. Editora Contexto. 2013.

ROST, Alejandro. Interatividade: Definições, estudos e tendências. In:
CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: 7** caraterísticas que marcam a diferença. P.
53-88. LabCom Books. 2014. <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf> Acesso em: 26/03/2018.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis. Editora Insular. V. II, 3. Ed. ver. 2013.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa. 10ª ed. Editora Presença. 2009.